

Novos cenários nas relações delicadas entre o design e o artesanato: o caso de São João dos Patos - MA

New scenarios in the delicate relationships between design and handicraft: the case of São João dos Patos - MA

LIMA, Márcio Soares¹

NORONHA, Raquel Gomes²

FIGUEIREDO, Luiz Fernando Gonçalves de³

BABINSKI JUNIOR, Valdecir⁴

Resumo

Na intenção da difusão do conhecimento que enfatizem as relações sociais, culturais e comportamentais na produção de sentido, apresentamos estes escritos, cujo objetivo é entendermos a atuação do design no artesanato, especialmente nas relações entre designers e artesãos, a partir de seus discursos e práticas. Para tanto, metodologicamente, este trabalho pode ser compreendido como uma pesquisa básica, bibliográfica e descritiva, pois visa levantar achados teóricos e discuti-los à luz da literatura consultada e da prática em campo. Como resultados, identificamos nessa relação o estabelecimento de uma via de mão dupla entre os designers e artesãos, e assim, entendemos que a boa relação entre os agentes facilita todo o processo. Concluímos que, diante dos discursos e práticas, apresentados e analisados, e diante do objetivo deste artigo, imaginamos cenários futuros quando problematizamos o que vemos na teoria e o que vemos e aplicamos em campo, no sentido de refletirmos e, de forma conjunta, nos atermos a alternativas que contemplam o território e, principalmente as pessoas envolvidas em questão, e que não podemos excluir uma hegemonia criando outra, pois precisamos da pluralidade, para que a criação de cenários futuros não seja apartado do presente.

Palavras-chave: design, artesanato, cenários do futuro.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis/SC

² Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luis/MA

³ Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis/SC

⁴ Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis/SC

Abstract

With the intention of disseminating knowledge that emphasize social, cultural and behavioral relationships in the production of meaning, we present these writings, whose objective is to understand the performance of design in handicrafts, especially in the relationships between designers and artisans, based on their discourses and practices. Therefore, methodologically, this work can be understood as a basic, bibliographic and descriptive research, as it aims to raise theoretical findings and discuss them in the light of the consulted literature and field practice. As a result, we identified in this relationship the establishment of a two-way street between designers and artisans, and thus, we understand that the good relationship between agents facilitates the whole process. We conclude that, in view of the discourses and practices presented and analyzed, and in view of the objective of this article, we imagine future scenarios when we problematize what we see in theory and what we see and apply in the field, in the sense of reflecting and, jointly, we stick to alternatives that contemplate the territory and, mainly, the people involved in question, and that we cannot exclude a hegemony by creating another, because we need plurality, so that the creation of future scenarios is not separated from the present.

Keywords: design, handicraft, scenarios of the future.

Introdução

Essa fantástica combinação de uma agulha, fios, mãos e mente presente me encanta sobremaneira, e meu esforço em renovar a técnica é, além de realização pessoal e crença, uma vontade sincera de que a técnica se mantenha viva, carregando consigo a mudança dos tempos. (RÖDEL, 2010, p. 67)

A frase acima nos instigou a estudarmos o envolvimento do design com o artesanato, especialmente o bordado. Os desdobramentos dessa prática e técnica são tão intensos, quanto o papel social daqueles relacionados a esse saber fazer. Entre outros elementos, estes são bases iniciais para adentrarmos esse universo tão vasto e rico. O desejo do autor citado acima, para que essa técnica artesanal se mantenha viva, também é nossa. Temos a consciência de que a cultura é viva e que o artesanato deve ir mudando com o tempo, visto que, segundo Lima (2010), o artesanato é a palpitação do tempo humano.

É com esse pensamento que introduzimos o assunto do presente texto. Iniciamos falando do artesanato como uma forma tradicional de manifestação cultural. Mas como tudo que atravessa o tempo, acaba por se renovar de alguma maneira, esse é um dos papéis possíveis para o design, identificado nesta pesquisa, que é o de trabalhar em conjunto com comunidades artesãs para, além de trocar experiências e conhecimentos, conhecer, propor conjuntamente, soluções técnicas e, ainda, alternativas para perpetuar essa técnica tão importante para um território e para as pessoas que ali habitam, formando parcerias que possibilitem a emancipação e o desenvolvimento do artesanato, bem como novas

oportunidades e possibilidades para esse saber fazer empírico, além de propor e imaginar futuros possíveis.

O objetivo deste artigo é entendermos a atuação do design no artesanato, nas relações entre designers e artesãos, a partir de seus discursos e práticas.

De acordo com Sapeinzinksas (2012), a consultoria de design estabelece relações e aproxima diversas instâncias envolvidas no trabalho artesanal: 1) a instituição, como proponente da iniciativa e organizador de atividades, seja para formação de grupos de trabalho, seja para capacitação ou treinamento; 2) os artesãos, as produtoras em si do objeto final de consumo, vinculadas ou não a alguma instituição; e 3) o mercado consumidor, entidade abstrata, no qual o designer seria um especialista e do qual consequentemente torna-se um representante, já que se mostra capaz de atuar e falar em seu nome.

Ainda, segundo a autora, o consultor de design figura como intermediário entre as práticas tradicionais de produção local e o mercado consumidor, cujas exigências estabelecem parâmetros supostamente globais de qualidade, e como promotor da identidade local, já que muitas vezes representa os objetivos do órgão proposito junto aos grupos, na comunidade. É nesse sentido que problematizamos também nesta pesquisa as etapas de consultorias estabelecidas na comunidade visando um tipo de desenvolvimento e, apresentaremos, por outro lado, a ideia de desenvolvimento que visa além do lado econômico, o de bem viver, familiar, social e laços de solidariedade.

No período prático que configura o percurso metodológico, estabelecemos uma estratégia de aproximação planejada e pautada em Bourdieu (1989), para a concretização de uma relação entre pesquisador e pesquisado.

Estabelecemos essa relação fazendo uma alusão à arte de bordar, e iniciaremos os primeiros passos com a marcação dos pontos. Nessa marcação a bordadeira toma uma base que pode ser de papelão ou a própria mesa para pôr o tecido e, a partir daí, risca os primeiros pontos. Os rabiscados feitos no tecido nortearão a bordadeira, para depois serem cobertos pelas linhas, configurando o bordado de fato. A peça, depois de finalizada, revelará a beleza dos motivos escolhidos, contrastando com o linho de maneira a impressionar um possível comprador, conforme a imagem mostrada a seguir.

Figura 1 – bordado frente e verso



Fonte: adaptação do autor à imagem, retirada de <http://artesanatocomdesign.blogspot.com.br>

O bordado é formado por marcações, agulhas, linhas, tecidos e histórias, assim como a pesquisa é formada por teorias, percurso e também histórias. Ambos os verbos, tanto o bordar como o pesquisar, possibilitam caminhos e formas de ver e perceber as histórias das bordadeiras de São João dos Patos, no Maranhão.

Alinhar discursos entre designers e artesãos é como procurar agulha no palheiro. Tendo em vista a importância de tratarmos esses saberes diferentes, precisamos sobretudo definir os caminhos a serem percorridos, para descrevermos as etapas de ação, os desafios, as surpresas e as descobertas que delineiam os sujeitos dessa pesquisa e as condições nas quais ela se dá.

Antes do trabalho de campo, foram realizadas pesquisas bibliográficas e um estudo sobre alguns dos principais programas vinculados ao artesanato no Brasil, além de um estudo sobre alguns designers com atuação nesse segmento. Pretendemos estabelecer os parâmetros para a análise crítica e comparativa entre tais ações e a própria comunidade, identificando linhas de trabalho que vêm se intensificando nessas relações.

Esse artigo é um recorte da dissertação de mestrado, apresentado pelo autor deste artigo, ao PPG de Design, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, com o título: *O AVESSO: alcances e limites da consultoria em design na Associação de Mulheres da Agulha Criativa, em São João dos Patos – MA*, cuja pesquisa procurou refletir sobre a inserção do design na produção artesanal, sobre a existência ou não de contribuições significativas por parte do design, além da posição do artesão brasileiro frente a essas mudanças e seu lugar dentro da produção industrial.

Dessa forma, o presente trabalho está estruturado em três partes: introduzimos e contextualizamos o tema, apresentamos o objetivo e definições iniciais. A seguir, apresentamos os resultados obtidos em campo ao longo de um processo de escuta e participação em atividades com as artesãs e com designers, por fim, as considerações e apontamentos para futuras pesquisas.

Na abordagem histórica sobre o tema, buscamos entender a atuação do design no artesanato, mais especificamente na Associação de Mulheres ad Agulha Criativa - AMAC, além de compreender o design, a partir do que nos diz Thackara (2008), como uma prática

inovadora e criativa com o potencial de colaborar na transformação das sociedades e contribuir para o desenvolvimento social.

Exemplificamos essa íntima relação entre design e artesanato através de outros designers que colaboraram com este fortalecimento, e finalizamos essa parte com conceitos sobre consultoria em design, visto por entidades, consultores e artesãos, com o intuito de inter-relacionar esses discursos mapeados em campo.

Aqui apresentamos na imagem abaixo, os atores envolvidos e “entrelaçados” desta pesquisa: temos o pesquisador, que já foi professor de algumas bordadeiras, e às vezes aluno, quando se propôs a aprender sobre o saber-fazer delas; da freira que foi mediadora na fundação da Associação das Bordadeiras - AMAC; das bordadeiras que ali vivem, dos consultores ligados ao SEBRAE e, dos que especificamente conviveram e aturam na vida dessa associação, fazendo assim esse emaranhado de conhecimentos e trocas ditas em seus discursos.

Figura 2 - Atores sociais envolvidos nesta pesquisa



Fonte: elaborada pelo autor (2022)

Essas relações descritas na figura acima ligam a fala, o discurso com o que referimos a algo, objeto ou material, contextual e cotidiano.

A justificativa desta pesquisa gira em torno dessa troca que aconteceu entre os consultores e artesãs, de tal forma que ambas as partes se alimentaram dessas parcerias, e trouxeram experiências tanto para os designers, quanto para as bordadeiras de São João dos Patos.

Para discutirmos essas relações levamos em consideração a mudança na profissão do designer, que adquiriu nova postura frente à sociedade, principalmente pela adesão de conceitos como inclusão social, acessibilidade e desenvolvimento sustentável, e a ampliação de bem cultural previsto na Carta Constitucional de 1988, cujo art. 216, passou a reconhecer o artesanato como parte integrante do nosso patrimônio cultural material, e suas formas de expressão que tange o patrimônio imaterial. Lembrando também que design

pode qualificar aquilo que já existe, no sentido próprio de dar qualidade, traduzir, potencializar, agilizar e empoderar.

Desenvolvimento

Métodos

Aqui, apresentamos a cidade de São João dos Patos, assentada no Sertão Maranhense, localizada a 570 km de São Luís, com 26.063 habitantes (IBGE, 2021), e que possui uma significante e contínua produção de bordados, principalmente dos bordados de ponto-cruz. Possui em toda sua extensão, de acordo com Nascimento (2015), essa particularidade cultural que é passada de geração em geração, e assim perpetuando essa técnica artesanal que é considerada primitiva, e ao mesmo tempo, contemporânea, já que se busca, através do impulso à inovação, a construção do sucesso dos negócios e a uma vida sustentável através de produtos, sistemas, serviços e experiências inovadoras.

No percurso metodológico desta pesquisa, trazemos os caminhos e ferramentas que nos fizeram alcançar os objetivos específicos desta pesquisa. Através do estudo de caso da AMAC, em São João dos Patos, e de técnicas como grupo focal, entrevistas semi-estruturadas e observações diretas conseguimos extrair dados importantes para analisarmos posteriormente, à luz de teóricos que estudam esta relação tão delicada entre designers e artesãos, a fim de construir sentidos.

Metodologicamente, segundo (GIL, 2008), este trabalho pode ser compreendido como uma pesquisa básica, bibliográfica e descritiva, pois visa levantar achados teóricos e discuti-los à luz da literatura consultada. Salientamos que esses achados foram tratados qualitativamente, segundo os critérios do mesmo autor citado.

Esse estudo pautou-se na observação direta do cotidiano das artesãs, possibilitando a criação de laços de confiança entre os pesquisadores e as pesquisadas, e na compreensão mais profunda de sua realidade, o que só foi possível pela vivência e convivência durante a estada na comunidade. Logo, tornou-se necessária uma aproximação com elas. Já com os designers, tornou-se necessário um distanciamento, fundamental para estranhar o que já era para nós, familiar, tendo em vista que os pesquisadores também são designers.

Utilizamos como ferramentas, as entrevistas semiestruturadas, e, de acordo com Whyte (2005), elas obedece a uma estrutura que delineia a área a ser pesquisada, oferecendo flexibilidade tanto ao entrevistado quanto a quem aplica, no sentido da colocação de questões e informações não previstas. A estrutura destas entrevistas, feitas por nós, contém informações gerais sobre artesanato, design, consultorias em design, desenvolvimento, entre outras considerações pertinentes e necessárias no decorrer da pesquisa.

Realizamos inicialmente uma pesquisa descritiva e exploratória dos aspectos socioeconômicos das artesãs e sua relação com a forma de produção do artesanato,

comercialização e gestão a fim de identificar dados relevantes à fundamentação da pesquisa de nos situarmos junto ao contexto que estávamos nos inserindo. Nesta parte estavam presentes nas nossas entrevistas, perguntas que representam e caracterizam o grupo de artesãs, tais como características socioeconOMICAMENTE; características sobre o nível de instrução; características sobre o tempo de trabalho e domínio do ofício de bordar; características sobre o tipo de produção artesanal (ver qual produto de maior e menor “saída” e por que); características a comercialização; características sobre o cuidado com meio ambiente; características sobre o enquadramento na sustentabilidade e características sobre o processo de produção (cadeia produtiva).

Resultados

As narrativas aqui apresentadas foram construídas por vários discursos, e esses discursos não são apenas fala, mas também o fazer dessas pessoas, portanto, observamos também as entrelinhas do não dito. Foucault (1997) fundamenta nossas análises quando nos faz entender que os discursos são feitos de signos, mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse “mais” que os tornam irredutíveis à língua e o ato de quem fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. Lembrando que nossos discursos sempre são permeados por outros discursos.

Passaremos, portanto, a discorrer sobre os efeitos das relações estabelecidas entre os designers dos projetos de consultorias e as bordadeiras da AMAC, no sentido de apresentar alternativas aos objetivos específicos deste estudo, e entendermos de fato as causas e consequências da dependência causada pela ruptura dos projetos de consultorias que ligam os artesãos e designers.

Dentro desse contexto, o conceito elaborado por Borges (2011) de “relações delicadas”, questiona o papel do designer na comunidade artesanal, justamente por conta de muitas interferências equivocadas, no sentido de apropriação por parte de designers dos saberes destes artesãos, e por se julgarem superiores a eles, quando na verdade, segundo a autora, essa relação deveria ser “um fenômeno de extrema importância pelo impacto social que gera e por seu significado cultural”. (BORGES,2011 p. 137).

O difícil, segundo a autora, é fazer com que esse trabalho tenha significado e relevância para a comunidade local e, assim, possa ser continuado. E essa continuidade, após a atuação do designer na comunidade, é um dos grandes questões que observamos em campo.

De acordo com Borges (2011), a clássica expressão “é preciso interferir, mas sem ferir” poderia servir como algo constante para que as relações entre designers e artesãos se tornassem mais adequadas, com o propósito de dar vida à comunidade artesanal ou mesmo revitalizá-la, pautadas no cuidado, no respeito e na confiança, mantendo assim uma postura aberta de aprendizes, em frente à sabedoria daquelas comunidades, e ao saber

acadêmico trazido pelos designers. É nesse contexto que a autora apresenta o termo entre aspas.

Em um episódio que aconteceu na Associação, pudemos compreender o impacto das bordadeiras ao estarem diante de uma situação, colocada pelo consultor, em que foram levadas a ousar, a dar uma resposta diferente a uma nova proposta trazida por ele:

Vamos agora bordar com linhas claras em tecidos escuros... e também iremos colocar tom sobre tom, para que a gente desenvolva uma coleção nova de produtos, com essas tendências que, de certa forma, precisamos seguir. Apesar de que, por conta da tradição, vocês sempre terem bordado em tecidos claros, agora é hora de ousarmos.⁵

Esse “precisamos seguir”, no final da frase dá sentido à uma certa imposição do consultor, da instituição da qual ele é ligado ou da imposição da moda. De acordo com Neves (2000) as tendências são atividades que lidam com as capacidades de percepção e leitura de sinais da sociedade, quase sempre incipientes, tendo como limites os interesses e as possibilidades dos parceiros da indústria. O resultado será ou não a aprovação do público de interesse. Essa atividade é feita em todos os níveis da cadeia de moda, desde a concepção das ideias, permeando a produção e finalizando nas mãos do cliente.

Por outro lado, pela questão da confiança que existia entre eles, as bordadeiras não questionaram a “necessidade” para uma nova proposta, reclamaram apenas pela questão de que o tecido escuro é muito difícil de bordar.

(risos)... Você é doido, Marcelo! A gente sempre foi ensinada a bordar em tecido claro, por ser mais fácil de contar os fios, marcar a peça e bordar. E você vem com uma proposta dessa pra gente?!? Quer deixar a gente cega?(risos) Mas vamos lá, se você acha que vai dar certo, vamos tentar ⁶

⁵ Entrevista concedida pela artesã, ao autor, em junho de 2017.

⁶ Entrevista concedida pela artesã Marcelucia, ao autor, em junho de 2017.

Figura 3 - Bordado preto e branco



Fonte: elaborado pelo autor (2022)

Lody (2013), no Barro & Balaio: dicionário de artesanato popular brasileiro, nos mostra uma informação importante no que diz respeito a esse estranhamento das artesãs para bordarem em tecidos escuros, pois as rendas e os bordados tradicionalmente são feitos com fios brancos e em tecidos brancos.

Com os dados coletados até o presente momento, percebemos em campo que o designer, que entra na dinâmica do artesanato como ator que novas ideias, gera aceitação dos artesãos pelas novidades conceituais, técnicas e estéticas, a fim de agregar algo ao produto artesanal. A presença do designer neste contexto serve não só como agente de interferência, mas também de complementação e troca de saberes, técnicas e experiências. Completa a artesã:

Quando alguém passa por aqui (associação) fazendo cursos, oficinas, trazendo algo novo pra nós, isso é muito bom... a gente aprende muito e isso nos deixa feliz. Tenho certeza que eles (consultores e professores) ficam felizes e aprendem algo aqui com a gente.⁷

Em relação às bordadeiras da AMAC, elas sempre são incisivas em colocar que é por conta da existência delas “é o que faz o SEBRAE e outras instituições existirem”. E isso as coloca de igual para igual ao designer. Mas confessam também que nem sempre foi assim, e que existe ainda um grande entrave entre elas: a comercialização de produtos. Nesse ínterim, buscamos entender essa lacuna delicada que faz com que as artesãs não consigam “caminhar com as próprias pernas”, como elas mesmas dizem, após o término do contrato da consultoria de design.

Portanto, identificamos nessa relação que é interessante que se estabeleça uma via de mão dupla, uma busca pelo público no qual irá atender, e um estudo com o intuito de trazer as tendências globais e aplicar às necessidades locais. Isso tem a ver com

⁷ Entrevista concedida pela artesã Marcelucia, ao autor, em outubro de 2016.

desenvolvimento local, trazer essa prospecção de ideias à realidade em questão, e, assim, entendemos que a boa relação entre os agentes facilita o processo.

As artesãs percebem o conceito de desenvolvimento pela ótica do respeito, confiança, autoestima e outras categorias sobre as quais refletiremos adiante.

Conclusões

Diante dos discursos e práticas apresentados e analisados, e diante do objetivo deste artigo que era entendermos a atuação do design no artesanato, nas relações entre designers e artesãos, a partir de seus discursos e práticas, nos atemos inicialmente às relações delicadas, descritas por Borges (2011), e nos deparamos com falas assim: “é melhor fazermos assim”, “precisamos seguir”, entre outras frases nesse sentido e, percebemos então, configurada a delicadeza da voz, que está atrelada muitas vezes aos discursos dos consultores, em algumas vezes, no sentido de subestimar as artesãs ao tão falado “resgate” de suas histórias, identidade e cultura. Mas precisávamos entender, e entendemos isso em campo, que as artesãs também acessam esse passado, talvez de uma forma não tão sistemática quanto os designers, mas de uma forma dinâmica, através da sua própria cultura e hábitos cotidianos.

Ainda, consideramos que a atuação do designer pode contribuir com o desenvolvimento social nas comunidades artesanais, visto que no percurso consideramos vários desdobramentos a respeito principalmente do termo desenvolvimento, e muitos questionamentos surgiram a esse respeito: *Onde? Para que? Para quem?*

Percebemos que é algo que depende muito de um parâmetro, no caso da nossa pesquisa, da própria ideia de desenvolvimento que assumimos e vimos que, em prol do “desenvolvimento”, pode-se tudo. Então, acionando Escobar (2016), entendemos que o envolvimento está ligado à autonomia, e que a *autopoiesis*, é citada pelo autor como a auto-regulação interna de um sistema. Esse sistema é permeado por outros, e assim entendemos que existe o sistema das artesãs, o sistema dos consultores, e, em determinado momento eles dialogam, na medida em que, se os sistemas internos estiverem organizados, os fatores exógenos não os “massacra”.

Nesse sentido, imaginamos cenários futuros quando problematizamos o que vemos na teoria e o que vemos em campo, no sentido de refletirmos e, de forma conjunta, nos atermos a alternativas que contemplam o território e, principalmente as pessoas envolvidas em questão.

Assim, Krippendorff (2000) nos coloca que a maior desafio do design está na promoção de estudos que investiguem formas de narrar futuros imagináveis. Argumenta que para que o designer possa projetar esses futuros, ele deve aprender a articular futuros possíveis através da sua própria linguagem, e isso, acreditamos, é fruto da prática discursiva que emerge do fazer. E o que o autor propõe com essa discussão é o fortalecimento do discurso do design, enquanto prática social para reflexão e promoção de

futuros possíveis, que tem como posicionamento transdisciplinar o cotidiano e as tecnologias atuais e emergentes.

Assim como o respeito, como um caminho de sentidos opostos, a confiança também foi estabelecida na AMAC. Percebemos essa característica na relação entre as artesãs e os consultores, e nesse sentido em que a confiança, teve seu lado positivo para as artesãs, quando se oportunizaram nas trocas de conhecimentos com os designers, também percebemos o lado ruim da história, pois como toda consultoria, existe um tempo pré-determinado para acontecer, e no momento de ruptura, as artesãs ficaram “órfãs”, como elas dizem, pois tornaram-se dependentes dos consultores, estagnado, assim, comercialização de seus produtos, visto que, por mais que os consultores as incentivavam, elas sempre se atrelavam à sua presença física para partirem para “águas mais profundas” do mercado.

Referências

BORGES, A. **Design + Artesanato – O caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Introdução a uma sociologia reflexiva**. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro/Lisboa: Berttand Brasil/Difel, 1989. P.17-58.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y Diseño**. La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População Estimada. **Perfil dos Municípios Brasileiros. 2021**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html>. acesso em 02.03.223

KRIPPENDORFF, Klaus. **Design centrado no ser humano: uma necessidade cultural**. In: *Estudos em Design*. v.8, n.3 (maio), 2000. Rio de Janeiro:Associação de Ensino de Design do Brasil. p. 87-98.

LIMA, Ricardo Gomes. **Objetos: percursos e escritas culturais**. São Paulo, 2010.

LODY, R. **Barro e balaio - Dicionário do artesanato popular brasileiro**. São Paulo: Senac, 2008.

NASCIMENTO, Luiz Augusto. **Dados socioculturais de São João dos Patos – Maranhão.** In: VII CONNEPI. Palmas: 2015.

RÖDEL, H. SPFW. **Máscaras de animais em crochet para 2nd floor.** Porto Alegre: 2010. Disponível em: <<http://www.helenrodel.com.br/projetos/2nd-floor-inverno2010>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SAPEINZINKSAS, Aline. **Como se constrói um artesão – negociações de significado e uma "cara nova" para as "coisas da vovó".** Horiz. antropol. vol.18 no.38 Porto Alegre July/Dec. 2012.

THACKARA, J. **Plano B: O design e as alternativas viáveis em um mundo complexo.** São Paulo: Saraiva, 2008.

WHYTE, W. **Sociedade de esquina:** a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Trad. Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.